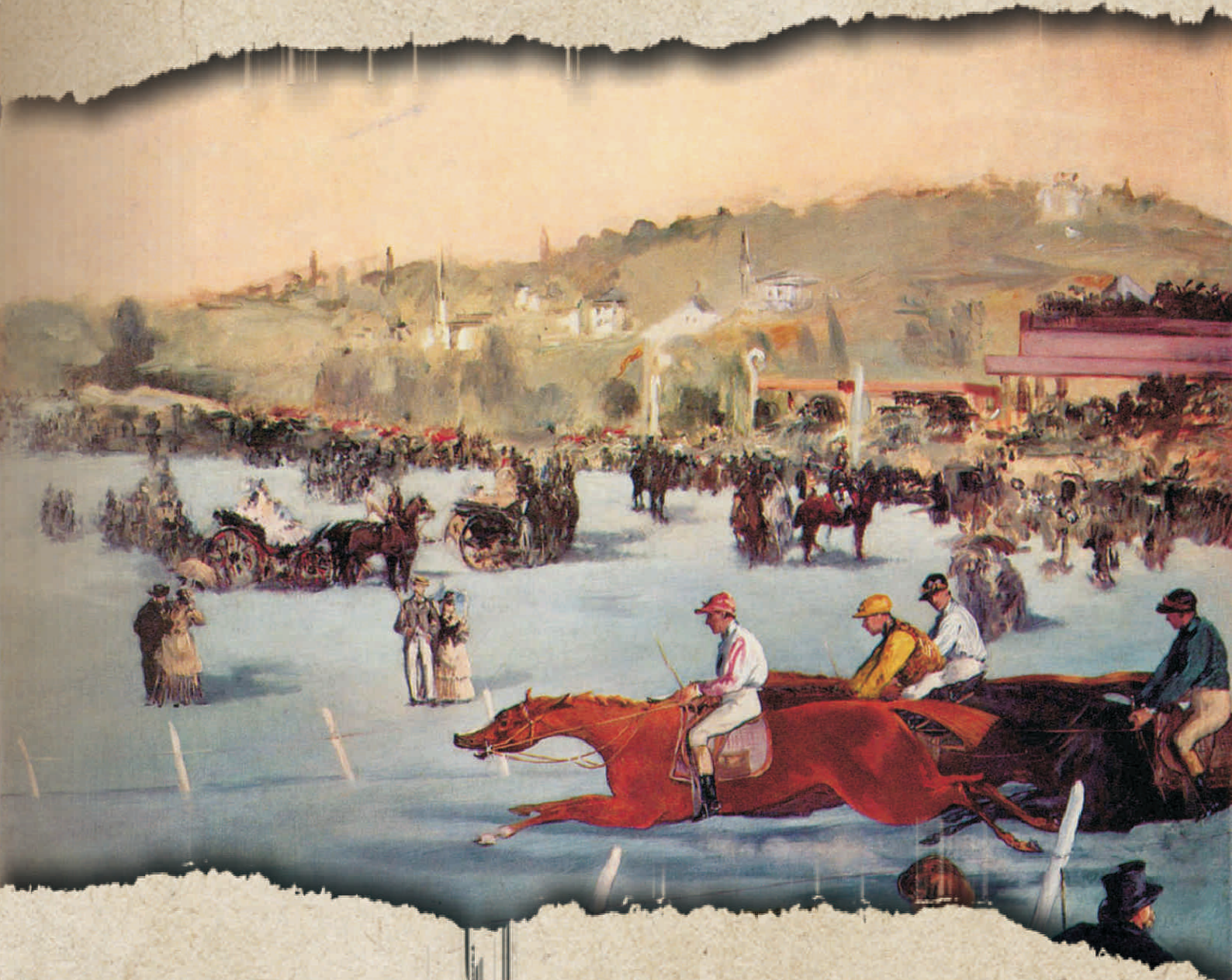


Ano III - Nº 9 - Agosto de 2011

# Blecaute!


Uma Revista de Literatura e Artes



Rennen im Bois de Boulogne (1872),  
de Édouard Manet



# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes 

Campina Grande (PB) – Ano III – Nº9 – Agosto de 2011



<http://sites.uepb.edu.br/revistablecaute>



[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)



[@revistablecaute](#)



[www.revistablecaute.blogspot.com](http://www.revistablecaute.blogspot.com)

Copyright © 2011, Núcleo Literário Blecaute All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: uma revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA:

Édouard Manet

Título: Rennen im Bois de Boulogne (1872)

73 x 92 cm, Sammlung J. H. Whitney (Nova York)

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

[gaudencio\\_bruno@yahoo.com.br](mailto:gaudencio_bruno@yahoo.com.br) / [@BrunoGaudencio](https://www.instagram.com/BrunoGaudencio)

Janailson Macêdo Luiz

[janailsonmacedo@hotmail.com](mailto:janailsonmacedo@hotmail.com) / [@jan\\_macedo](https://www.instagram.com/@jan_macedo)

João Matias de Oliveira Neto

[j.matias@msn.com](mailto:j.matias@msn.com) / [@j\\_matias](https://www.instagram.com/@j_matias)

Flaw Mendes (Editor Visual)

[flawmendes@gmail.com](mailto:flawmendes@gmail.com) / [@flawmendes](https://www.instagram.com/@flawmendes)

Apoio: Universidade Estadual da Paraíba

800

R454 Revista Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 3, n. 9 (agos. 2010) –  
Campina Grande, 2011.  
49 p.: il. color.

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Janailson Macêdo  
Luiz, João Matias de Oliveira Neto, Flaudemir S. S. Mendes (Editor visual)

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura – Contos. 4.  
Literatura – Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

# Índice

## EDITORIAL



PÁG. 05

## CONTO:

Um Jogo - Pedro Salgueiro (Ceará)

PÁG. 06

## O SANTO OFÍCIO:

3x4 de Carlos Drummund de Andrade  
- Franklin Jorge (Rio Grande do Norte)

PÁG. 08

## POEMAS:

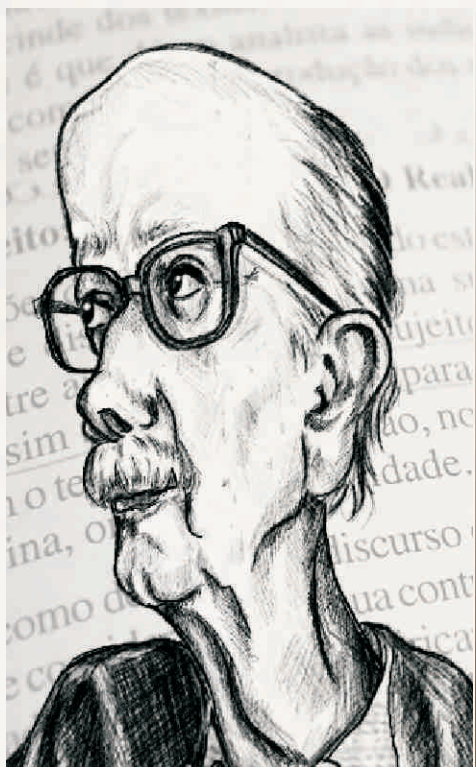
Taturana, Cavalgada e outros poemas - Marcílio Medeiros (Sergipe/Rio Grande do Norte)

PÁG. 10

## ENSAIO:

Antonio Candido ou o Exercício Público da Crítica – Luiz Carlos Monteiro (Pernambuco)

PÁG. 13



## TIRADAS DO BaÚ:

Raoni Xavier (Paraíba)



PÁG. 18

## POEMAS:

Conversa no Facebook - Luís Venegas Soler (São Paulo)

PÁG. 19

## CONTO:

Festa de Ontem - Joana Belarmino (Paraíba)

PÁG. 21

## O AEROPAGO:

Valdênio Freitas (Paraíba)

PÁG. 25

## POEMAS:

Você, Chamado e outros Poemas - Ricardo Thadeu (Bahia)

PÁG. 27

## FIÇÃO:

Lugares Incertos - Cristhiano Aguiar (São Paulo/Paraíba)

PÁG. 29

## ESTANTE:

Modus Operandi (Georgio Rios) -  
Bruno Gaudêncio (Paraíba) e  
O Alquimista (Paulo Coelho) -  
Gabriel Viviani (São Paulo)

PÁG. 30

## POEMAS:

O Silêncio como contorno das Mãos e outros poemas - Elaine Pauvolid (Rio de Janeiro)

PÁG. 32

## CONTO:

Área de Fumantes -  
André Luis de Araújo (Pernambuco)

PÁG. 36

## POESIA IMAGINADA

Flaw Mendes (Paraíba)



PÁG. 38

## POEMAS:

Juízo, Carne e outros poemas - Cyelle Carmem (Paraíba)

PÁG. 39

## CONTO:

Cela - Roberto Menezes (Paraíba/  
Pernambucano)

PÁG. 43

## ENSAIO:

A Filosofia na Poética de Manoel de Barros - Francisco Damasceno (Rio Grande do Norte/Paraíba)

PÁG. 45





## NOVA IDENTIDADE VISUAL

Neste mês de agosto, chegamos ao nono número da Blecaute e apresentamos aos leitores a nova identidade visual da revista, que visa a possibilitar uma melhor apreciação estética das produções de nossos colaboradores.

Manteve-se intacta, porém, o nível de exigência para a realização de uma revista literária, bem como a diversidade de gêneros que vem se constituindo como uma das principais características da revista, composta por contos, poemas, ensaios, o quadro “Estante” (com dicas de leitura), além de sessões específicas como as do escritor e jornalista Franklin Jorge, do cronista Valdênio Freitas e os quadros de “tiras e quadrinhos” de Raonix e Flaw Mendes, artistas do mundo visual e nossos mais novos colaboradores.

Falando em mundo visual e em mudanças na identidade visual da revista, o leitor perceberá as mudanças estruturadas pelo nosso ilustrador e novo editor, Flaw Mendes. Esperamos que os leitores gostem e continuem a curtir os textos, acrescidos agora de imagens e de uma nova diagramação.

Nesta edição teremos os poemas de Marcílio Medeiros (SE), Luís Venegas Soler (SP), Ricardo Thadeu (BA), Elaine Pauvolid (RJ) e Cyelle Carmem (PB); os contos de Pedro Salgueiro (CE), Joana Belarmino (PB), Andre Luis de Araújo (PE) e Roberto Menezes (PB), além de um trecho de um romance inédito do paraibano radicado em São Paulo, Cristhiano Aguiar (SP). Temos ainda os ensaios de Francisco Damasceno (RN) e Luiz Carlos Monteiro (PE).

Em relação ao escritor Luiz Carlos Monteiro, infelizmente tivemos a notícia de seu falecimento, ocorrido no dia 25 de julho de 2011. Residente no Recife, foi um autor prestigiado no Estado de Pernambuco como poeta e ensaísta. Dedicamos este número da Revista Blecaute ao autor de “Na Solidão do Néon”.

A nova Blecaute permanece a mesma, todavia, em sua missão de levar a outros continentes e a todas as regiões do Brasil um pouco da produção literária do nordeste e da Paraíba, entre autores famosos e ainda desconhecidos, de outros estados e nossos conterrâneos. Esta nova identidade visual tem o objetivo de agradar ao leitor, homenagear a quem nesses dois anos vem acompanhando a Revista Blecaute, saudar os novos leitores e a todos aqueles que passaram e passarão por estas páginas certamente tão ricas quanto o talento de quem delas participa.

Boa Leitura!

Os editores.



## UM JOGO

*Por Pedro Salgueiro*

Há um rio enorme, precipícios sem fundo —  
e seguro-me a ramos frágeis para não cair neles.

Graciliano Ramos

Deu por si sendo carregado, ou arrastado — tamanha era a falta de jeito com que o conduziam. Inicialmente pensou estar sonhando: um desses pesadelos que se tem quase lúcido, ao final de um sono confuso, cheio de sobressaltos.

Vacilou um pouco, não sabendo se demonstrava sua consciência ou se fingia continuar dormindo; decidiu permanecer calado, os olhos entreabertos... pernas e braços soltos, à mercê dos empurrões.

Na posição em que se encontrava, pouco via do caminho: a rua escura, árvores esparsas aqui e ali — percebeu estar chegando ao limite da cidade... os latidos de cachorros, o canto dos galos ecoando pelos quintais, um violão e uma voz triste confirmando a madrugada.

Não conteve um gemido ao sentir nos calcanhares as pedras do caminho; talvez por isso lhe tenham amarrado pernas e mãos para trás: afrouxando um pouco os nós, mas apenas o suficiente para que pudesse afastar devagarinho os joelhos. Em vão tentava enxergar seus seqüestradores, a venda no rosto mal lhe permitia respirar.

Aos poucos percebia que ficavam alguns pelo caminho, pois ouvia pisadas de no máximo três pessoas — sendo que as mais fortes eram suas, disso tinha certeza. As outras ora vinham à direita, ora à esquerda, ou então se perdiam para trás, mas logo ressurgiam ao seu lado — como se o observassem, atentas... medindo suas reações. Procurava não titubear, passadas firmes, queixo levantado, o suor escorrendo pelo rosto. Por uma pequena fresta no lenço distinguia os próprios pés, a vereda em declínio; a brecha parecendo ter sido deixada de propósito. Só parou quando escutou o rolar de pedras ladeira abaixo, poucos centímetros à frente. Sabendo que não as havia jogado, entendeu aquilo como um aviso para que parasse. Mais claramente se fixava em sua mente a idéia de um jogo... de que alguém disputava com ele uma partida perigosa, talvez a derradeira das muitas de que participou durante toda a sua curta existência. Se não fosse a última, certamente seria a mais difícil. E com certeza ele jamais seria o mesmo — porque a mente operava mudanças irreversíveis. O medo e a frieza travavam batalha memorável: às vezes aquele se desesperava, quase ferindo o silêncio da madrugada — a tempo pesava o absurdo da situação... o grito perdido na mata, o inimigo oculto rindo seu primeiro sorriso de vitória, o início de uma empreitada da qual já sabia o final,



milimetricamente calculado; a razão reagia, contendo o soluço e, em silêncio, perscrutando o passo macio do opositor, sua respiração regradada: sabendo que a única maneira de derrotá-lo seria aquela — o raciocínio frio, o sentimento contido; procurando antes de qualquer ação entender o jogo, compreender as regras... e apenas nesse momento reagir. Tinha a seu favor unicamente o silêncio, o controle dos nervos, o conhecimento de que não lhe atribuíam força alguma — contra ele havia quase tudo, o absurdo daquela circunstância, o total desconhecimento das forças do inimigo.

Respirou fundo, localizou com o pé uma pedra; chutou-a com firmeza — a pedra desapareceu como se tivesse sido atirada no vácuo. Reconhecendo que se encontrava à beira de um abismo, procurou adivinhar a posição do inimigo: depois de longa espera o presentiu pela primeira vez à sua frente, no mínimo espaço que havia entre ele e o vazio — percebeu então a força dele, a sua superioridade evidente, o seu desdém e arrogância, seu completo domínio da situação.

Pela fresta do lenço avistou os pés dele, as pernas longas e a pequena distância que as separava do precipício. Sentiu um impulso de simplesmente o empurrar, mas a facilidade da solução o fez vacilante — não poderia descuidar um segundo, estava em jogo a sua vida (e o que era mais importante naquele momento: tentar compreender a inusitada situação em que estava inserido). E de tudo apenas tinha conhecimento de que participava de um jogo, mas não tinha a mínima idéia do adversário que enfrentava e, muito menos, dos seus planos. Conteve mais uma vez a vontade de se desvencilhar daquela situação incômoda. Respirou fundo... quando avistou novamente os pés firmes do inimigo desfilando a poucos centímetros do abismo (parecia zombar da sua fraqueza e da vitória garantida ao final de tudo). Aí então percebeu por baixo da bainha da calça dele — enroscada no calcanhar magro — a outra ponta da corda, que desde o início lhe atava as pernas e os braços.

---

**Pedro Salgueiro** (Ceará) - Escritor. Publicou *O Peso do Morto* (1995), *O Espantalho* (1996), *Brincar com Armas* (2000), *Dos Valores do Inimigo* (2005) e *Inimigos* (2007), de contos, além de *Fortaleza Voadora* (2007), de crônicas. Vencedor de diversos prêmios literários. Seu mais recente livro, *Inimigos*, foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 2008. O Conto acima é do livro inédito *Movimento Esperado*.

## 3X4 DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Por Franklin Jorge*



Ilustração: Flaw Mendes

Drummond evitava, por uma questão de pudor, comer em público e não gostava de conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Tinha a distinção aristocrática dos intelectuais autênticos, podendo, por isso mesmo, sem afetação, ser reconhecido como um príncipe das letras. Tímido, falava pouco.

Conheci-o, ao crepúsculo, passeando nas imediações de sua casa à Rua Conselheiro Lafayette 67, no finalzinho de Copacabana, quase Jardim de Alah. Estava no auge de sua colaboração no *Jornal do Brasil*, onde escrevia uma crônica e nela inserira um personagem, João Brandão.

Muito conhecido no bairro, agradecia polidamente aos cumprimentos com uma leve inclinação da cabeça. Não gostava de efusões e revelou-me sua ojeriza aos bajuladores e aos puxa-sacos que não tendo outras virtudes procuram ser vistos na companhia de notáveis.

Ficou interessado quando lhe disse que era de Natal e ele informou que recebera uma carta de um jovem jornalista potiguar, muito perspicaz, politizado e questionador, chamado Paulo Augusto. Ora, era o Paulo Augusto Silva, amigo de Vicente Vitoriano, que por essa época eu conhecia apenas de nome e da leitura de uns textos minimalistas que me chamaram a atenção, havia alguns anos.

Salvo engano, Paulaugusto, como o chamávamos e ele às vezes grafava o próprio nome, interpelara o poeta através de João Brandão, o que o autor de “*A Máquina do Mundo*” achara muito inteligente. Esses potiguares são a encarnação da inteligência, disse, bem humorado.

O poeta, curioso, crivou-me de perguntas e quis saber se os jovens liam Cascudo. Quis saber se eu sabia que o jornal onde escrevia fora fundado por um meu conterrâneo de Macaíba, homem riquíssimo, historiador e político que chegara a senador da República e tivera muita influência no Rio de Janeiro no fim da monarquia e na incipiente República.

Passei a encontrá-lo, no mesmo logradouro, quando por ali passava a caminho do Arpoador para apreciar os extertores do sol, afogando-se no mar, onde já me aguardava um jovem português que eu conhecera na Associação Cristã de Moços, na Lapa, onde ambos fazíamos natação e participávamos de atividades culturais.



Sempre bem vestido e de sapatos reluzentes, passamos a conversar sobre apelidos, frases feitas e expressões regionais do Rio Grande do Norte, assuntos sobre os quais ele tinha sempre uma nova pergunta. Queria saber se os escritores locais tinham algum apelido e se o natalense, como o carioca, era dado a fazer piadas dos acontecimentos e a rir das adversidades.

Riu quando lhe contei que José Augusto, como outros políticos, cultivava o hábito de prometer sem o desejo de cumprir com a palavra empenhada e que certa vez, procurado pelo filho de um correligionário que estava noivo e muito aperreado por que não tinha emprego e portanto não podia marcar a data do casamento, o procurou para pedir um, no que foi prontamente atendido e encaminhado, com um bilhete do próprio punho do governador, que dava instruções para a sua contratação.

Era já no fim do expediente e o moço, sabendo que aquela hora não falaria mais com o secretário, foi para casa e lá, abrindo o envelope, leu o bilhete e percebe que faltavam o ponto nos “is”. Ele pensou que o governador, distraído, esquecer-se de colocá-los e ele mesmo, pegando de uma caneta, resolveu corrigir o que pensou ser um cochilo. No dia seguinte, foi o primeiro a chegar a repartição para falar com o secretário, entregou-lhe a carta e de lá saiu satisfeitíssimo, já empregado.

Foi direto agradecer ao governador, que ficou muito surpreso com o desfecho da história. Imediatamente, ao ficar só, ligou para o secretário para saber por que ele não cumprira a determinação de dispensar o suplicante com a desculpa de naquele momento não dispor de nenhuma vaga. Governador, cumpri suas determinações sim. Acontece que toda letra “i” escrita no bilhete, ao contrário de outros, está pontuada. Achei, portanto, que era para empregar o rapaz em vez de dispensá-lo...

Drummond se interessou por meus exercícios de artista plástico e adquiriu um pequeno quadro meu, uma personagem do nosso Boi de Reis, que achou gracioso e alegre. Prometi-lhe que, ao voltar para minha terra lhe mandaria uma lista de apelidos, o que fiz após uma implacável pesquisa, que ele no entanto não pôde aproveitar no ensaio que planejava escrever pois eu esquecera de colocar, juntamente com o apelido o nome civil do personagem em questão, conforme explicou numa carta.

Ah, Drummond, como homem fino que era -- embora facilmente irritável como dos poetas disse Horácio --, era muito gentil e não deixava carta sem resposta.

*DE MARCILIO MEDEIROS*

**TATURANA**

A mão plana,  
passeia calor.  
Muda cor,  
forma, peso.  
Levanta caravana  
de pelos  
pelo leito seco  
do peito  
que arqueia, lento  
rolar de roldanas,  
pontas de dedos:  
antenas, pernas,  
penas: taturana,  
e anseia o vento,  
o pentear de  
capim, cana.

**CAVALGADURA**

sim,  
olhos de marfim  
órbitas de sodalita  
perfuram, insólitos

o mole centro  
do abdômen  
dentro do homem  
saturam

sala vazia de órgãos  
vãos órfãos azia  
amálgama  
escura



cavalo  
que cavalga  
a alma  
dura

## VIRGEM

não há bis  
no abismo  
por isso a regra diz  
se quer ficar à margem  
curta o risco, a vertigem  
mas, virgem,  
não meta a língua  
o nariz  
na visão  
translúcida  
porosa  
do vão

## ROTA

dois livros  
duas rotas  
o mesmo caminho

Mário de Sá-Carneiro  
estricnina  
Sylvia Plath  
gás de cozinha

## HĒDONĒ

alegrias  
que se fumam  
bebem  
cheiram

dor  
só se for rimbaud

## ECOS

ecos trincaram vidro  
arremesso ao ventre  
de suas vozes

voltam hídricos  
como se recém-golfados  
da saliva ácida

o coma era  
suspensão  
na redoma

## ANTONIO CANDIDO OU O EXERCÍCIO PÚBLICO DA CRÍTICA

*Por Luiz Carlos Monteiro*

Em torno do nome e da figura de Antonio Candido criou-se uma aura de grande prestígio intelectual. Ao longo de sete décadas, sua intervenção no campo cultural brasileiro tem envolvido a crítica literária, a militância política e a atividade docente em universidades paulistas. Nascido no Rio de Janeiro (24 de julho de 1918), Antonio Candido de Mello e Souza passou a infância e a adolescência em Minas Gerais. A essa época, viveu por cerca de dois anos na Europa, para onde viajou em fins de 1928 com a família. Apenas em 1936 chega a São Paulo para estudar, onde mora até hoje.

O ano de fundação da revista *Clima* – 1941 – coincide com o abandono do curso de Direito e o término de Ciências Sociais. Em *Clima*, Candido inicia-se na crítica literária. Conta em seu livro *Recortes* (1993), como abordou Drummond através de carta, solicitando-lhe colaboração: “Em 1943 escrevia a Drummond sem conhecê-lo, pedindo descaradamente colaboração para uma revista de jovens de que eu fazia parte. Ele respondeu com extraordinária cortesia, mandando palavras de estímulo e alguns poemas admiráveis, que depois apareceriam quase todos em *Rosa do povo*. Escolhemos três, que só foram sair dali a um ano, porque

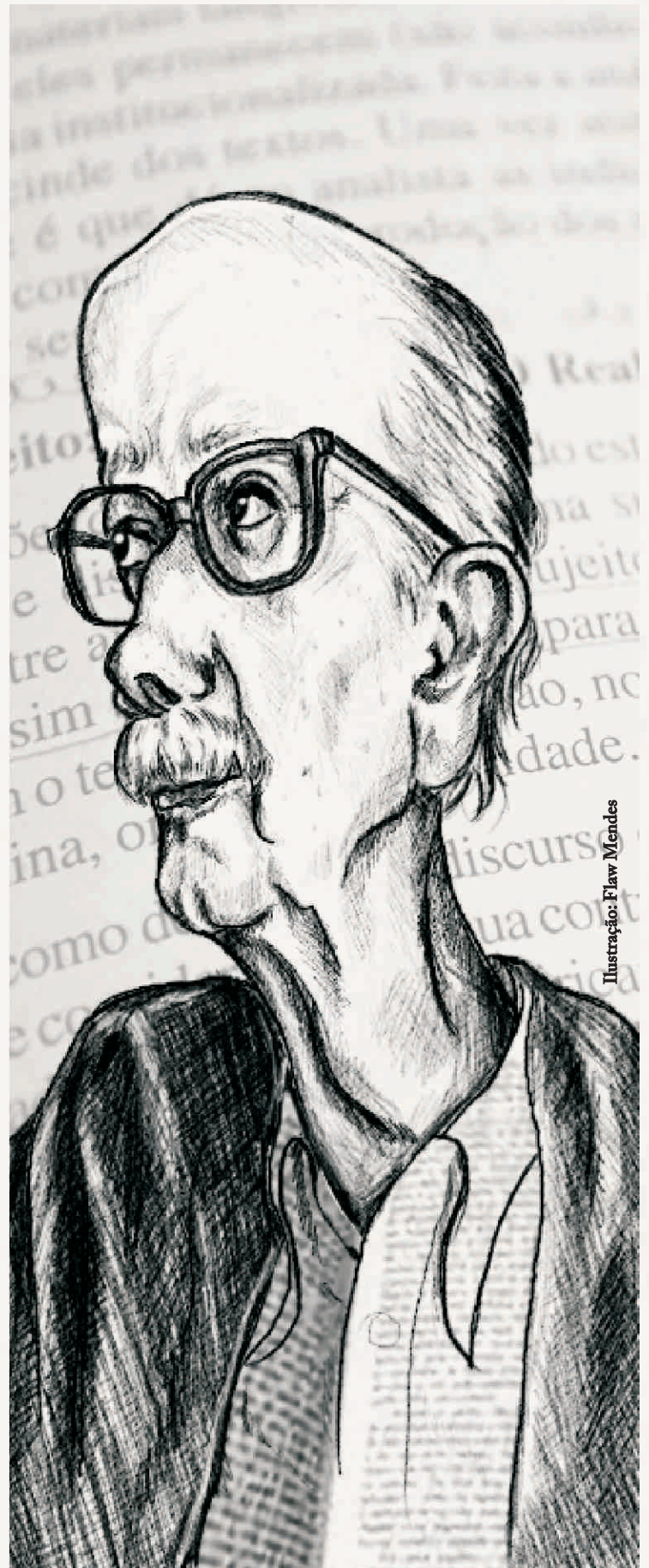


Ilustração: Flávia Mendes



a revista passou por longo eclipse. Mas antes de acabar para sempre, no fim de 1944, pôde publicar em primeira mão um dos poemas mais belos e importantes da literatura brasileira contemporânea: 'Procura da poesia'.

Eram outros componentes da revista Paulo Emílio Salles Gomes (seção de cinema), Lourival Gomes Machado (artes plásticas) e Décio de Almeida Prado (crítica teatral). Oswald de Andrade apelidou-os de “chato-boys”, incomodado porque a apresentação do primeiro número foi dada a Mário de Andrade, seu maior desafeto e intelectual mais respeitado no Brasil à época. Oswald queria significar com o apelido, como lembra um tanto autoironicamente Candido em *Vários escritos* (1977), rapazes “estudiosos, bem comportados, sérios antes do tempo”. Nesse livro multifacetado, o artigo “No raiar de Clarice Lispector” configura o texto de descoberta da escritora, publicado sob outras versões na Folha da Manhã (atual Folha de São Paulo) e no livro *Brigada ligeira* (1945). Ao analisar premonitoriamente *Perto do coração selvagem*, o crítico de vinte e cinco anos afirmará: “Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente”.

Em *Brigada ligeira*, um de seus dois livros de estreia, escreverá sobre o romance *Fogo morto*, considerado a obra-prima de José Lins do Rego. Talvez pelo fato de caracterizá-lo como “o romance dos grandes personagens”, pouco acrescentará à análise do desempenho ficcional de José Lins, detendo-se preferencialmente na descrição parafrásica de tipos e heróis da decadência rural da burguesia paraibana. Posteriormente, tal procedimento ficará claro no texto “A personagem do romance”, incluído na obra coletiva *A personagem de ficção* (1987). Utilizará uma argumentação que fará a diferença entre a “necessária simplificação” sofrida por toda personagem na prática romanesca e “a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro”.

Compartimentado como um dos ensaios ficcionais de *Tese e antítese* (1978), “Os bichos do subterrâneo” traz à luz a obra de Graciliano Ramos. Não será a primeira vez que Candido estuda o escritor alagoano, tendo lhe dedicado em 1956 um livro inteiro, *Ficção e confissão*, reeditado em 1992. Em “Os bichos do subterrâneo”, a ficção de Graciliano é avaliada sob três aspectos, distinguidos pelo crítico como romances na primeira pessoa (*Caetés*, *S. Bernardo* e *Angústia*), narrativas em terceira pessoa (*Vidas secas* e *Insônia*) e obras autobiográficas (*Infância*, *Memórias do cárcere*). E esclarece: “Nos três setores encontramos obras-primas, seja de arte contida e despojada como *S. Bernardo* e *Vidas secas*; seja de imaginação lírica, como *Infância*; seja de tumultuosa exuberância, como *Angústia*. Em todas elas está presente a correção de escrita, a suprema expressividade da linguagem, a segura da

visão do mundo, o acentuado pessimismo, a ausência de qualquer chantagem sentimental ou estilística”.

Decerto a sua vivência inicial em cidades mineiras do interior levou-o a demonstrar empatia por personagens e seres reais do mundo rural. E a construir painéis interpretativos de reconhecida lucidez e equilíbrio, pois nem sempre escritores e pesquisadores aboletados nas metrópoles se saem bem neste campo. É assim que consagrará a literatura sertaneja de Guimarães Rosa estreante em meados da década de 1940. Desenvolverá também mais à frente, pesquisa sociológica sobre o caipira paulista e seus meios de vida, *Os parceiros do Rio Bonito*, sua tese de doutoramento em Ciências Sociais na USP.

Dois livros estabelecem, de modo definidor, o percurso crítico de Candido: *O método crítico de Silvio Romero* (1945) e *Literatura e sociedade* (1964). Uma distância de quase vinte anos entre ambos não anula certos princípios teóricos que se encontram bem mais consolidados no segundo. Ao escolher Silvio Romero como autor modelar para as bases de sua crítica – e também para a obtenção da livre-docência na USP –, estava definindo e questionando as relações entre a sociologia e a literatura brasileira no século 19. Isto coincide, do ponto de vista histórico-literário, com a tentativa de decretação de morte do romantismo e consequente ascensão do positivismo crítico, fenômenos preconizados e defendidos por Romero. Tal crítica científica evoluirá, no futuro, para o formalismo exacerbado, de um lado, e de outro, para uma espécie de sociologismo do qual foi injustamente acusado o próprio Candido. Sua crítica, no entanto, como observou José Guilherme Merquior, não renega nunca, em termos assumidamente teóricos, a abordagem sociológica, notadamente em *Literatura e sociedade*. Em seus ensaios, a análise histórico-literária e formal de obras não sobrepuja o homem e os grupos sociais nelas presentes. Os escritores terão sempre um papel individual e uma função social definida em relação ao público, ao tempo e à contextualização da sociedade em que vivem.

No entremeio dos dois livros acima referidos, Candido publicou, em 1959, os dois volumes do seu trabalho de maior fôlego, *Formação da literatura brasileira* (6ª edição, 1981), subtintulado “Momento decisivos”. Escrito entre os vinte e sete e os trinta e três anos, evidencia o seu preparo e maturidade para a extensão e a complexidade das temáticas e períodos literários abordados. Arcadismo e Romantismo são exaustivamente pesquisados, avaliados e estudados a partir de uma concepção *sistêmica* para a literatura brasileira. Esse seccionamento permitiu uma visão mais aprofundada dos dois movimentos, o que talvez não fosse possível se ele tivesse tentado escrever uma história da literatura brasileira nos moldes tradicionais. À prosa incipiente do Arcadismo, sucedeu-se uma prosa bem mais substancial no romantismo, com a consolidação do romance e os primeiros passos da crítica. A poesia arcádica ainda hoje é digna de nota e a poesia romântica estendeu-se pelo século 20 através,

por exemplo, de momentos isolados na poesia de Manuel Bandeira, diretamente influenciado por Gonçalves Dias.

Em parceria com a mulher, a professora Gilda de Mello e Souza – que, aliás, participou também do grupo de *Clima* –, escreveu a “Introdução” a *Estrela da vida inteira*, livro comemorativo dos oitenta anos de Manuel Bandeira. A leitura empreendida da poesia bandeiriana é impecável e sem subterfúgios. Identifica-se o forte substrato inicial de confiança e penumbrismo em Bandeira, como a sua superação a partir da noção exata do “momento poético” no qual o poema realiza-se e adquire forma definitiva. A análise tangencia o que há de “essencial” nos versos do pernambucano: “Pode ser que o segredo dessa poesia condensada e fraterna esteja na capacidade de redução ao essencial –, tanto no plano dos temas quanto no das palavras. Essenciais, são a emoção direta da carne e a espontaneidade da ternura, sob as elaborações do sentimento amoroso; é a descrição direta dos gestos na selva intrincada do cotidiano; é o encontro de termo saliente, único, na difusão geral do discurso”.

*A educação pela noite* (2000) reúne doze ensaios distribuídos entre poesia, ficção e crítica. Pode-se encontrar neles tanto esboços de história literária colonial e atual, quanto relações definidoras entre política, educação, sociologia e literatura. O ensaio “A nova narrativa” sintetiza, em visão panorâmica e despreziosa, a ficção brasileira em diversos períodos. Finalizando com a década de 1970, Candido entrevê nesta uma “verdadeira legitimação da pluralidade”. Na sequência ele passa a indigitar o que chama de “textos indefiníveis”: romances que mais parecem reportagens; contos que não se distinguem de poemas ou crônicas, semeados de sinais e fotomontagens; autobiografias com tonalidade e técnica de romance; narrativas que são cenas de teatro; textos feitos com justaposição de recortes, documentos, lembranças, reflexões de toda a sorte”. Contudo, reconhece o valor de prosadores como João Antônio e Rubem Fonseca, representantes do “realismo feroz”, ou Roberto Drummond, mais voltado para a “ruptura das normas”, com a incorporação de recursos gráficos ao texto.

Como militante, Antonio Candido vem exercendo a política de modo discreto, porém incisivo e consequente, participando desde a juventude de partidos, conselhos, associações e movimentos de orientação democrática e socialista. Na condição de professor, formou várias gerações de intelectuais, com discípulos como o ensaísta mineiro João Luiz Lafetá, o crítico marxista Roberto Schwarz, a historiadora Walnice Nogueira Galvão, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, entre outros. Foi professor visitante em universidades dos Estados Unidos e França.

A crítica literária destaca-se como a atividade em que mais tem se empenhado. Sua produção crítica e ensaística compreende um vasto material espalhado em numerosos jornais e revistas, dentro e fora do Brasil. Sem esquecer que há mais de quarenta anos deixou de



colaborar regularmente na imprensa diária, após a experiência de crítico em jornais como a Folha da Manhã, o Diário de São Paulo e O Estado de São Paulo (no qual planejou seu Suplemento Literário). Além disto, quase todos os seus livros tiveram mais de uma edição, exceto os mais recentes, havendo casos de um ou outro receber edições sucessivas. Alguns deles ficaram guardados por um tempo talvez desnecessário, a exemplo de *Um funcionário da monarquia* (2002), que já estava pronto em 1985. Refere-se à biografia de Antonio Nicolau Tolentino (1810-1888), bisavô de Candido. De origem modesta, este personagem entrou no serviço público como contínuo de repartição e chegou a ocupar a direção da caixa Econômica e a presidência da Província do Rio de Janeiro.

No poema “Esboço de figura”, que dá título a um livro em homenagem a Candido, Drummond assim o definiu: “Arguto, sutil Antonio,/ a captar nos livros/ *a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito*,/ ao mesmo tempo em que, no dia brasileiro,/ desdenha provar os frutos da árvore da opressão,/ e, fugindo ao séquito dos poderosos do mundo,/ acusa a transfiguração do homem em servil objeto do homem”.

---

**Luiz Carlos Monteiro** (Pernambuco). Crítico Literário, Ensaísta e Poeta. Mestre em Teoria da Literatura pela UFPE. Publicou: *Na solidão do néon* (Poemas, Pirata, 1983), *Vigílias* (Poemas, Fundarpe, 1990), *Poemas* (Ed. Universitária da UFPE, 1999), *O impossível dizer e outros poemas* (Poemas, Bagaço, 2005) e *Para ler Maximiano Campos* (Ensaio, Bagaço, 2008) e *Musa fragmentada - a poética de Carlos Pena Filho* (Ensaio, Ed. Universitária da UFPE, 2009). Blog: <http://omundocircundante.blogspot.com/> Falecido em 25 de Julho de 2011.

## Eden - o amor



Raoniix

RAONI [RAONI XAVIER]  
(Paraíba) – Ilustrador e  
quadrinista. Atualmente, prepara  
um livro de contos e dá vida às  
personagens Sirci e Lila  
([www.sircielila.com.br](http://www.sircielila.com.br)). Membro  
do Núcleo Literário CAIXA  
BAIXA e Clube do Conto da  
Paraíba.

*DE LUIZ VENEGAS SOLER*

## CONVERSA DE FACEBOOK

Poema enviado ao ensaísta e curador

ilusões de cama

sem ter rei Rô vai

puxa

Sor vê tudo

corre gape a larga nata

logo estica engasgando

vira de lado

coloca como vespa

hola entre

e saia de Miranda

### Resposta do ensaísta e curador

Não tenha pressa para aparecer. Primeiro, busque a qualidade em tua escrita, o que não se consegue de uma hora para a outra e pode levar anos. Quando você tiver conquistado isso, o resto aparecerá naturalmente. O mal dos novos poetas é que desejam o sucesso antes de terem a obra, o caminho é inverso. Há vários sites, blogues e revistas para você publicar, quando tiver obtido algo sólido.

### Resposta à resposta

você acha que sou poeta novo? nem na idade e nem na produção, foi por isso que me insinuei, conhecer novos olhares, tangenciando círculos restritos e manjados, realmente é muito difícil, de qualquer forma também não conheço a tua produção para poder criticá-la, então a intenção do meu contato é essa, ampliar a relação dos olhares, cruzá-los, misturar a produção dos muitos liquidificadores.



## Poema sem finalidade

vem  
com ódio e outros sem áudio  
faz tempo que tudo desmancha no ar

a soli dez da ebu lição dos bacha reis  
sem pre tão solí citos aos coro neis

vão

se os aneis e os aceno  
sos dedos em riste  
podem perder os limites  
os que me querem  
mudo  
podem falar  
dar palpites

vai  
bom e nutritivo azeite  
pro gosto rebelde do chá com leite

no bar do ve negas é feito de rua  
com fu ros no an dar de cis ma crua

## FESTA DE ONTEM

*Por Joana Belarmino*

Ele tinha oitenta anos, ela aproximava-se dos cinqüenta. Deram-se as mãos, e o poeta soube do peso que era a solidão dela. Ela pensou que a solidão dele era o repouso e a mornidão de um quarto aquecido, a suavidade de pão de ontem a ser mastigado pela manhã, antes que viessem as palavras.

E sem ousar quebrar o embevecimento do poeta, ela fitou o exército de mulheres e homens velhos que estava naquela festa. Uns sentados a conversar, outros de pé, servindo-se de bolos e bebidas. O tremer das vozes, as sílabas roufenhas quando algo se animava na conversa de algum grupo.

Um leve pressionar da mão do poeta sobre a sua chamou-lhe a atenção. Voltou-se e viu o brilho do seu sorriso, sorriso de olhos, onde brilhavam, para além da inteligência, estrias de uma ternura antiga, como se minasse do fundo da terra, com cheiro suave de barro molhado. E descobriu de repente a aventura que habitava a solidão daquele velho, aventura que ele lhe entregava no brilho inteligente do seu sorriso, aventura tisonada de vida vivida, cápsula a convidá-la a empreender a viagem para dentro daquele olhar.

Deixou à pressa as coisas de fora, o burburinho, as risadas, evadiu-se de dentro de si, como se fugisse de um mundo fraturado e triste, para mergulhar naquele olhar.

Olhar que propriamente não a contemplava, olhar que lhe apontava, discretamente, uma espécie de passadiço, olhar que a convidava a arregaçar as saias da sua existência, e saltar para um mundo atemporal onde se pudesse tecer um diálogo só deles.

Deixou-se ir. Em princípio a medo, como uma criança, a provar com o pé, a frieza de uma água desconhecida. Seus olhos pescurtando a profundidade do olhar do poeta, sua mão levemente atada à frágil ossatura dos dedos dele.

E alijou-se da festa, do burburinho, e saltou para a estrada comprida e serpenteante daquele olhar, e quis compreender aquela narrativa, como se lhe fosse dado o direito de saltar no tempo e conhecer o templo em que habitaria, quando fosse mais velha.

“Quero te mostrar uma coisa”. A voz dele agora era firme, as sílabas tocando no coração dela com uma impertinência adolescente. “Por que a mim?” Perguntou ela por sua vez, surpreendida por sua voz haver resgatado a juventude dos primeiros tempos.

“Porque vi a tensão na tua boca franzida, nos teus ombros hirtos. Li a íntegra da tua solidão, experimentei em mim mesmo a torturante azáfama dos teus músculos e ossos, a aeróbica frenética por serem o que já não são, o exercício quase imperceptível do teu rosto por negar o que já és”.

Naquele momento ela sentiu medo. O poeta lhe entregava seu espelho de todos os dias, atiçava as lascas incandescentes da sua tristeza. Mas ele percebeu logo o que se passava e tratou de mudar o cenário. Olhou discretamente para os dois lados do caminho e disparou a correr. “Anda. Vê se me alcanças!”

Correram. Cada um deixando atrás de si, misteriosamente, lembranças dos queixumes de juntas e articulações, que agora recuperavam o vigor de outros tempos, tempos em que velhice não passava de uma palavra irreal e sem cor.

E de repente uma raiz mais alta fez com que ela tropeçasse e caísse. O velho voltou-se imediatamente e ergueu-a nos seus braços frágeis, caminhando com ela até a sombra de uma árvore onde uma suave grama se estendia como um tapete verde e macio.

Sentaram-se os dois, o poeta recostado ao tronco da árvore, ela recostada ao seu corpo, os dois controlando a respiração apressada do exercício de correr, os dois em silêncio, escutando o vento a mexer nas folhas velhas do chão, a desfiar segredos longínquos nos galhos mais altos daquela árvore velha.

O poeta afastou-lhe o cabelo do rosto, apertou-a mais no seu abraço e lhe disse: “experimenta perguntar a essa árvore o que é ser velho. Eu lhe fiz essa pergunta dias seguidos, e, em cada dia, ela me deu uma resposta diferente. Agora quero que lhe perguntes a mesma coisa. Abre a tua boca. Articula todas as sílabas com tranquilidade, e ela te escutará, e te dará a resposta de hoje”.

De novo a tristeza represada ameaçou emergir, mas ela respirou fundo, fitou a parte visível da raiz da árvore, junto do seu pé, e disse: “O que é ser velho, árvore?!”

O velho estreitou-a ainda mais nos seus braços, e os dois como que sentiram um breve tremor a percutir o robusto e rugoso tronco da árvore. Depois escutaram o discurso vegetal, feito de sílabas profundas, articuladas sem pressa, frases que se encadeavam numa espécie de estranha fala horizontal, ecoada aqui e além, sem que entretanto nada se perdesse da sua resposta, mesmo quando o som parecia ter sido levado para muito longe deles.

“Não vou te dizer que ser velho é uma invenção do espírito humano. Tampouco vou negar as agruras físicas pelas quais vais passar, muito em breve, de juntas e articulações que não responderão as tuas exigências, de carnes odiosamente enrugadas por falta do recheio da tua massa muscular, de falhas impertinentes da tua voz, que teimarão em não reproduzir aquele agudo suave e equilibrado de que tanto gostavas.

Não vou te negar que ser velho é sentir todo o maxilar a doer, depois de se ter comido carne assada num inofensivo e abundante churrasco. Ser velho é buscar um jeito novo de dormir, todas as noites, e em lentos e exaustos gestos descer-se da cama para tomar um comprimido ou um copo de vinho.

Ser velho é ter um cérebro que se, milagrosamente, não sofrer aquelas alterações





genéticas as quais a ciência dá nomes complicados, ousará transpor a soleira do aparente, ousará escutar e mesmo corporificar os insidiosos pensamentos que esvoaçam livremente por entre as malhas dos neurônios”

Por longo tempo a árvore não disse mais nada. Uma leve ruga de desapontamento vincava os lábios dela, um leve sorriso travesso brincava nos olhos do velho.

Pressentindo que ela sentisse frio, ele aconchegou-a ainda mais nas velhas dobras do seu corpo.

“Ser velho. Velho ser. Servo. Verso”. A árvore agora como que se entregava a um exercício livre de soltar palavras ao vento, para que elas depois se plantassem no espírito dos dois, ali abraçados.

“Ver. Vel, velhice... hice... Não sei se serás capaz de fazer a viagem para o não sentido, para a dormência, para o antes das coisas serem o que são. Para o antes de seres a quase velha que já te pesa nos ombros, que já te dói nos maxilares, que já te estende com mão sorrateira o copo de vinho que te fará dormir à noite. Por que ser velho é estar vivo. Ser velho é estar vertiginosamente correndo para a invenção de um ciclo, um ciclo do princípio das coisas, a reintegração, o regugitar para outra forma de matéria, liquefeita, fragmentada, cabelo, fragmento de ossos, a clamarem por uma reordenação, um outro ser, promessa de sílex, retalho de pólen, reciclagem, reciclagem...”

O olhar assombrado dela, o velho enconstou suavemente os lábios nos seus cabelos, como se estivesse a mimar uma criança doente. A árvore prosseguiu na sua fala agora quase demente.

“pouco importa a promessa do teu cirurgião plástico. Pouco importam os teus potes de creme. Serás a escrita estrita assentada na lâmina fina da tua natureza. Serás a narrativa comum, o capítulo inexorável da tua passagem, desde que tudo isso começou.

Grita! Chora por todos os poros! Deixa que a tua angústia rebente as bolhas desse teu mundo protegido e cheio de cercas que te oprimem, que inventam sapatos de jovem e moldes que já não servem a esse teu corpo que envelhece!

Esperneia! Exibe pelo menos uma vez, em toda a sua grandeza, o espetáculo de estares envelhecendo! Alimenta o teu desespero com toda essa terra que nos cerca! Aferra-te ao teu poeta, porque ele quer te despir e te entregar a alegria que somente ele conhece, porque já surfou comigo num mundo onde vamos te levar, e de onde não trarás nada, senão a tua própria experiência.”

Ergueu-se porque o velho já se punha de pé, e abraçava à árvore, agora sorrindo claramente. Ajudou-a a conter o tremor do corpo, entrelaçou seus braços nos dela e ficaram agarrados àquela árvore que tremia convulsivamente, que assombrava a terra com o ranger das suas raízes. Apertados, corpo com corpo, viram a árvore descolar-se do chão, estender os

galhos para a tempestade do vento e começar a voar.

Árvore, homem e mulher, fundidos num abraço tão velho como o princípio das coisas. Desfazimento de braços, pernas e tronco. Liquefação de sorrisos e abanar de galhos, saltos para o espaço vazio, mergulhar profundo no nada.

E como um soco na boca do estômago dele, um coice no cérebro dela, a árvore estacou e abriu sua própria clareira no centro de uma nuvem.

Ficaram a velejar no dorso da árvore, enquanto a nuvem lutava por se livrar daquele peso incômodo.

Ela tinha se esquecido do que era, como se nada mais importasse. Como se seu espírito houvesse mergulhado numa instância termal, e a velhice não fosse senão uma palavra incômoda, como aquela árvore velha escanchada numa nuvem.

Foi nesse momento que buscou os lábios do velho, com uma avidez de planta que lutasse por sugar o pequeno estoque de pólen da boca de um estranho inseto.

E antes que a boca dele decifrasse o enigma daqueles lábios ávidos, ouviu-se um estrondo estranho de galhos partidos, palmas em uníssonos, vozes a cantar.

Acordaram do seu enleio numa sala cheia de ruídos, onde um exército de velhos marchava para a mesa grande onde um bolo confeitado os esperava, iluminado com suas velas brancas.

## INCLUSÃO DIGITAL

*Por Valdênio Freitas Menezes*

Os dedos são as extremidades dos membros dos mamíferos, mas também se dá este nome a alguns artículos dos apêndices de muitos artrópodes e de outros pequenos animais. O que diferencia os seres humanos dos outros animais é um conjunto de particularidades de caráter proctológico e sociológico dos dedos.

**Touchscreen é a reinvenção tecnológica da proctologia aplicada à uma tela de plasma.**

Apontar a verdade é um dissimulado procedimento proctológico. A principal ferramenta de trabalho do proctologista torna este um profissional único que, diferente de um esportista que quando perde alguns dedos nas mãos e pode vir a ser um atleta paraolímpico em várias modalidades, depende da integridade digital preservada. Se acaso houver algum proctologista polidáctilo favor compareça a sede dessa revista e coloque abaixo toda a minha teoria.

Na infância somos duramente reprimidos quando apontamos para algo. Significa que nossos pais morrem de medo de duas coisas: em primeiro lugar da possibilidade de que sejam ativadas nossas vocações para proctologia ou temem que seus filhos se tornem adultos que gostem de dedurar os outros. Ou ambos: se um dia for revelado um grande esquema de corrupção que envolvia planos de saúde dentro do Sindicato Nacional de Médicos Proctologistas, seu filho pode vir a ser o grande dedo duro. A verdade é que os filhos sempre se opõem as ordens dos pais. São gerações que possuem pontos de vista inversalmente proporcionais: exatamente como são as aftas e hemorróidas.

**Touchscreen é a reinvenção tecnológica do dedo fura-bolo.**

Se os indicadores sociais estão ruins, podemos dizer que a sociedade se tornou ou um polegar para baixo, ou pior, que há um imenso dedo médio socialmente constituído. Nossos dedos representam tragédias. O anelar simboliza o casamento tanto por ser o local preferido para o claustrofóbico ato de enfiar um anel, bem como pelo seu apelido de seu-vizinho excitar qualquer situação de infidelidade. O dedo mínimo serve para bater nas quinas de sofá, paredes, cadeiras e derivados, fazendo que todo ser humano utilize seus palavrões preferidos ou pratique os recém aprendidos. Todos os dedos unidos em prol de uma causa podem digitar um texto ou jogar tênis, mas o que incomoda a igreja católica são aquelas coisas manuais

tipicamente masculinas. Fazer esse tipo de coisa com cinco dedos é considerado um genocídio até pior do que apenas um dedo que aperta o botão vermelho que autoriza o lançamento de um míssil nuclear.

Vale uma menção honrosa para as vantagens que a espécie humana adquiriu no processo evolutivo a partir da combinação polegar e indicador que foi a de simular uma incômoda pistola que é mais fácil de ser apontada para os outros do que para si mesmo: a mão prende, o pulso dói e os tendões saltam da pele.



**DE RICARDO THADEU**

**VOCE**

um enorme nada  
ocupa toda a casa

**CHAMADO**

Em Tóquio, um homem escreve um poema:

Fantasmas transitam na calçada da fama.  
Todas as luzes se acendem em Paris.  
O universo conspira contra os Vikings.  
A mulher tem orgasmos múltiplos.  
O disco voador pousa em Londres.  
Três mariachis cantam em Florianópolis.  
Crianças morrem no oriente médio.  
O robô japonês salva a humanidade.  
O presidente do Chile envia um SMS.  
Duas mulheres se beijam em Chernobyl.  
O vampiro ataca a mocinha indefesa.  
Moisés divide o mar vermelho em dois.  
Elvis canta *Love me Tender* no rádio AM.  
O cowboy mata mil e oitocentos índios.  
Romeiros escalam milhares de degraus.

Em Tóquio, o poeta pára de escrever:  
O mundo inteiro pára junto.

## OUTRAS INSTRUÇÕES

não desfaça a farsa:

faça a cama, o café, a barba  
abarrote a camisa  
calce as sandálias

e, ao sair do teatro,  
antes do segundo ato,  
procure uma ponte  
e uma rua por onde  
se possa correr

## SEM IMPORTÂNCIA

a velha deixou o testamento  
dentro do penico  
embaixo da cama.

## LUGARES INCERTOS

(fragmento)

*Por Cristhiano Aguiar*

(...)

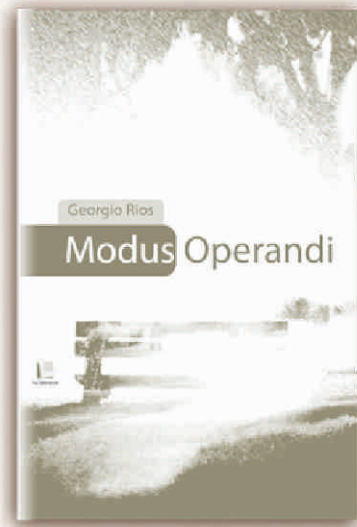
Décadas depois do seu aprisionamento e meses antes da entrevista, o artista dividiu uma mesa de debates com uma socióloga, que contou ao público do auditório uma história. Ela fazia uma pesquisa de doutoramento, na época em que tudo aconteceu, sobre as condições de escravidão no sertão nordestino. Junto com um bolsista da graduação, percorria cidades sertanejas em busca de documentos.

“Ao nos aproximarmos da cidade, víamos as faixas e os outdoors do governo federal, com palavras como “em obras”, “progresso”, “desenvolvimento” e “povo”. Cruzamos com carros da polícia, com um trator e um caminhão carregado de terra. Chegamos ao cartório da cidade” – as mãos da socióloga tremiam, volume baixo no microfone e óculos fundo de garrafa –, “e era evidente a embriaguez do funcionário, um homem de meia idade, barbudo, peito cabeludo. Garrafa de cachaça em cima do balcão. Eu e meu aluno nos olhamos: não ia ser fácil conseguir algo com ele! Demos boa tarde. O servidor balançou a cabeça e aumentou o volume do rádio que escutava. Quando eu ia falar algo, ouvi uma voz adolescente gritando PAINHO! PAINHO! atrás de mim; nos viramos na direção da rua; uma adolescente, barra da saia suja de terra, camisa salpicada de sangue, entrou no cartório chorando; Painho, ela falou, estão levando vovô embora, o governo está levando vovô; o pai dela, o nosso funcionário embriagado, pegou algo embaixo do balcão, uma arma de fogo!, e deu um salto; imaginem, aquela pessoa que para mim era a face da apatia e da imobilidade saltou o balcão e passou por nós correndo. Fomos atrás dele e chegamos até o cemitério da cidade; havia um monte de pessoas, polícia, uma gritaria, dois homens caídos. Tratores cavavam o chão do cemitério, arrebentavam as lápides e jogavam os destroços em caminhões; terra, pedra e madeira misturada a ossos... Sim, ossos; patas de metal, imensas, e rangidos dos motores. A terra escura e os nomes das pessoas. O funcionário do cartório chegou atirando para cima e gritando Larguem meu pai filhos da puta!; a polícia apontou as armas em nossa direção. Meus pés equilibrados em um fio transparente, o abismo lá embaixo. Mas não houve derramamento de sangue. Os dois homens caídos no chão não estavam mortos, apenas feridos, eram primos do funcionário do cartório. Diante das fardas, diante das armas apontadas, aquele homem abaixou o rosto, largou a arma e desabou; sobre o seu rosto uma sombra, como a dos enforcados.”

Após contar a história, silêncio no auditório. Ao longe, ouviu-se uma gargalhada – vidro e estilhaços.

---

Cristhiano Aguiar (São Paulo/Paraíba) - Escritor, Editor e Crítico Literário. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Autor dos livros: *Ao Lado do Muro* (Contos, 2006) e organizador dos livros: *Tempo Bom* (2010, juntamente com Sidney Rocha), entre outros. Blog: <http://notape.com.br/cristhianoaguiar/> o texto acima é um trecho do romance inédito *Lugares incertos*.



## Modus Operandi – Georgio Rios

Por Bruno Gaudêncio

Georgio Rios é um dos mais destacados nomes da poesia baiana contemporânea. Não é a toa que seu nome esteja presente na antologia *Sangue Novo*, organizada pelo poeta José Inácio Vieira de Melo e recentemente lançada pela editora Escrituras. Dono de uma lírica profunda e musical, em 2010, o poeta lançou pela Via Litterarum, de Itabuna, Bahia, seu segundo livro de autoria, intitulado de *Modus Operandi*.

O livro, dividido em duas sessões, caracteriza-se dentro dos modelos expressivos da poética contemporânea, pela significativa musicalidade dos versos, com uma textura consciente e carregada de sonoridades. *Modus Operandi* produz uma sensação demarcada por universos de lucidez labiríntica no qual o poeta trata de temáticas universais, em estratégias lingüísticas que muitas vezes perpassam um olhar silencioso e cálido sobre a natureza e a morte.

Demarcando pelo “mundo infância” e um “mundo interno” nos quais termos como pedra, telhas, raízes, pássaros nos trazem a sensação de uma “infância reinventada”, inspirada pela prática cotidiana da poesia, escrita na pele, em modulações de ritmos e virtualismos simbólicos que causam uma surpresa e um encanto, num processo de síntese ideativa, que demonstra uma profunda consciência de linguagem.





## O Alquimista - Paulo Coelho.

Por Gabriel Viviani

Será que sou culto, sofisticado, muito intelectual para ler o Paulo Coelho? Será tão terrível escrever uma resenha literária sobre o mago? Devo confessar, ó meu Deus, ter lido O Alquimista? Posso colocar isso no meu currículo?

Fico, às vezes, pensando: muitos dos que criticam os livros do Paulo Coelho escondem-se sob as cobertas, à noite, folheando seus romances. Corariam se alguém lhes descobrisse o segredo!

Sim, eu já li Paulo Coelho. De alguns admito ter gostado mais (especificamente dois), e de outros menos. Os críticos afirmam: obras que não serão lembradas daqui a cem anos. Como ter certeza disso? Sou escritor e posso garantir: o autor não é capaz de antecipar sua imortalidade.

Outro tipo de crítica, essa dos mais intelectualizados: os enredos coelhianos, vamos colocar assim, misturam tradições espirituais criando uma mixórdia conceitual. Magia wicca, cristianismo, islamismo, judaísmo, astrologia, crenças indígenas... Que confusão! Sim, sob certo ponto de vista. Mas, na realidade, as obras de Paulo Coelho não são tratados de religião ou de espiritualidade. Quem lê assim se engana. São romances, livros de ficção, e precisam ser entendidos dessa maneira. Se você quer ler tratados, procure os estudiosos dos assuntos.

O fenômeno Paulo Coelho tem, sobretudo, um aspecto interessante. A cultura, até meados do século XX, esteve dominada por escolas de pensamento niilistas e existencialistas. Sartre e Camus defendiam, por exemplo, uma visão sombria do mundo, onde a transcendência estava abolida. Faziam a cabeça da moçada! Os enredos coelhianos, ao contrário, caracterizam-se pelo otimismo. Todas as suas histórias têm lá um final feliz. Não estou comparando estilos literários, dizendo que Paulo Coelho é Sartre ou Camus. Mas acho curioso observar essa transformação cultural.

Sei, você pode estar pensando: a vida não é um mar de rosas, nem tudo termina como terminam os romances do Paulo Coelho. Concordo. Porém, Aristóteles já ensinava – ai, o sujeito agora cismou de misturar Aristóteles com Paulo Coelho! – na obra *Ética a Nicômaco*: "Em conclusão, a virtude é uma espécie de mediania, já que, como vimos, ela põe a sua mira no meio-termo". E somente atingimos o meio-termo, buscando a radicalidade do oposto. O coelhismo, neste caso, talvez fosse mesmo necessário.

*DE ELAINE PAUVOLID*

**I**

O cão procura o dono  
Como o homem, a chave

**II**

O silêncio como contorno da mão

Ao silêncio o vasto e lento não  
o contorno como solução da mão  
o silêncio como contorno da mão  
o verso, a fronteira, o nunca  
senão contorno.  
O vazio, não.

O silêncio como contorno da mão.

**III**

Noite

A madrugada é só  
O som de meus passos  
E minha risada a espera  
De garrafas de chegada  
Talvez a que tarda  
Seja algo de mim, que aguarda.

#### IV

Sofre em mim uma ilusão  
Perene cheia de mágoas  
Numa fonte lúcida de vida.

A máscara que carrego  
Segue estriada. Nem sorriso,  
Nem mortalha nas rugas espelhadas.

Na flacidez deste rosto  
Uma multidão a verdade me crava.

Não sofre em mim  
Vento algum, nem força nenhuma  
Só vertigem e lugar.

#### V

Ciência de Morta

Emergir do ocaso  
Sem encontrar a margem  
Que me faz redoma  
Acompanhar o parto  
Com ciência de morta.

#### VI

Prece

Vós de corações tão duros  
Tão sem dentes vossas almas  
Tão profundas cicatrizes  
Tão sem medo os motivos,  
Ficai à vontade no mundo vosso,

Que nós, os humildes, os mutilados, os tristes  
A outro mundo seguimos  
E somos mudos.

## VII

A barca

O chumbo do mar movimentava-se  
A fumaça ajudava  
A cor a ser chumbo  
O mar a ser mar.  
O ato da barca  
De tomar pessoas a bocadas  
Ajudava barco ser lâmina  
No chumbo da água.

## VIII

Travessia

Venho flor náufraga  
Na vastidão do abandono  
Entregar-me outra  
Na folhagem em que esbarro  
Quimera e caso perturbam  
O rosto outrora e para sempre plácido.  
Cavam dedos-espátula o verde musgo aquático.  
Abre-se a sombra bem mais  
Deserta. Atravesso a toca de hastes.  
Do outro lado me encontro.  
O sol e o mar esperam-me calmos.



## IX

### Anátema

Palavra tema corpo pedra poema  
Esfera densa sobre cais  
Voz esquecimento  
prende de transparência

No silêncio escolho  
Profundidade, outro olho.

A voz orvalhada não se prende  
A constatações construtivistas.  
Tece abandona, qual nome, assomo.

Sem glórias, só prenome,  
Voz, interlocutor constante.  
Cega, fala, canta e dança  
Refaz-se toda noite  
Co-substancia em versos aristocráticos,  
Desconexo sobre o rio ferruginoso,  
Todas as dores do mundo  
A espera do salto.

## X

As coisas acontecem para mim no espaço entre o espelho e o  
[ar.

## ÁREA DE FUMANTES

*Por André Luis de Araújo*

Paulo entrou no humilde restaurante a passos trôpegos e buscou uma mesa bem distante da porta. Seu chapéu estava encharcado por conta da chuva torrencial que desabava lá fora. Com um gesto rígido, ele tirou um pequeno objeto do bolso – um único cigarro, que havia conseguido escapar ileso à fúria das águas. Colocou o cigarro na boca e o acendeu usando seu isqueiro. Antes que pudesse dar aquela necessária primeira tragada, um homem jovem, aproximou-se receosamente e falou de forma subserviente.

- Senhor, esta é a área para não-fumantes.
- Oh sim, perdoe.

Ele estava desapontado, mas apagou o cigarro à sua frente. Regras são regras. Não que ele nunca houvesse quebrado regras em sua vida, mas não costumava fazê-lo sem bons motivos. O rapaz foi embora e Paulo continuou sentado, olhos escondidos pelo chapéu, fitando o vazio. Estava respirando com dificuldades.

Ficou alguns bons minutos sozinho, pensando em sua vida e seus atos, quando o mesmo homem jovem chegou cautelosamente.

- Senhor, está se sentindo bem?

Paulo suspirou.

- Sim, estou; escute, pode sentar-se por favor?

O outro sentou-se e olhou desconfiado para Paulo.

- Escute... Eu gostaria que você me fizesse um favor. Jure que vai fazê-lo.
- Senhor, eu...
- Jure que vai fazê-lo.
- Mas eu preciso saber do quê se trata antes de...
- Jure.
- Eu juro.
- Eu não escutei.
- Eu juro!

O pobre homem estava ficando assustado. Paulo então colocou a mão no bolso e puxou sua carteira. De dentro da carteira, ele tirou um papel com alguns números.

- Os primeiros números são o telefone da minha ex-mulher. O resto é uma conta no banco. Uma conta com muito dinheiro. Dinheiro sangrento. – uma lágrima caiu dos olhos de Paulo – Mas ele será útil para minha querida filha.

Ele pausou um instante, enquanto o outro digería a informação com sua expressão de espanto. Paulo continuou a falar.

- Minha esposa nunca entendeu o quê eu fazia. Ela nunca quis entender que eu estava fazendo tudo por ela e por nossa filha... Mas ela precisa aceitar isso. É meu legado para elas. Invente uma explicação qualquer, mas faça com que aceite este dinheiro. Eu sei que você não ficará com ele... Posso ver em seus olhos. São olhos honestos. Você é incapaz de fazer o quê eu fiz.

Dizendo isso, Paulo baixou os olhos para mesa e continuou tentando respirar.

- Senhor, tem certeza de quê está bem? Eu vou chamar um méd...

Num movimento rápido, Paulo puxou um revólver, engatilhou-o e apontou para o homem por baixo da mesa.

- Vá embora. Faça como jurou fazer. Não olhe para trás. VÁ!

O homem saiu correndo pela rua com o papel em mãos. Paulo sabia que ele conseguiria. Heh. Bom rapaz. Ele guardou o revólver novamente, e, respirando com dificuldade, levou a mão ao abdôme, segurando com firmeza o buraco que o projétil havia feito ao entrar em seu corpo. Paulo então pensou em sua filhinha. E expirou.







*DE CYELLE CARMEM*

**JUÍZO**

Teus olhos  
dúvida de encruzilhada  
se for para o norte  
o sul lamenta-se.

Melodia de sereia  
tua voz possui  
encanto de hipnose  
morfina na veia  
não há razão nem vontade.

Teus olhos  
inferno e céu  
o purgatório de todos os dias  
levam-me mar a dentro  
perco o livre-arbítrio.

Quem me dará o perdão?  
Quem decidirá o juízo final?  
Minha perdição  
e minha salvação  
perdi o direito à eternidade.

**CARNE**

Não sou verdadeira comigo mesma  
Deturpo os indícios  
Saboto os ofícios  
Falsifico os compromissos.

A carne dessa dor  
da profundidade da alma  
não lateja

apenas apodrece, contamina  
o que há de bom.

Essa carne é mordida de dentes  
sacola de restos  
esquecida num canto da sala.

Mas à noite  
ela cheira  
às vezes é aroma temperado de comida fresca  
outras é fedor de lama de feira  
onde não se sabe o que é  
do lixo  
ou da mesa.

## **FARSA**

Desconfio que alguém vive minha vida  
Estou sempre à margem do que vejo  
O que almejo chega como um sonho  
e logo acordo.

Acho que outra está com minha vida  
Não sinto o que devo sentir  
Não tenho o que devo ter  
Não escuto o que devo ouvir.

Suponho que alguém está além  
por trás desse fino véu  
onde vejo minha história  
mas está longe do que posso tocar,  
distante dos meus dedos.

Agora sei!  
Outra finge ser eu  
e até agora não conseguir provar

que ela é a farsa  
e não eu.

### JUSTIFICATIVA

Juntas as mãos  
espalmadas.  
Antes passos errantes.  
Perdição.  
Deus teve piedade  
Não precisaria de mais almas vagabundas.  
Cruzou caminhos  
acertou os compassos.  
Acasos inexplicáveis.  
Acasos?  
Partes da mesma fofalha  
separados por acidente.  
Uma falha humana do onipotente  
consciente a tempo  
juntos novamente os cacós  
Ele respira aliviado.

### AQUELA LUZ

Dentro dos sorrisos  
Vida  
daquelas que rasgam as entranhas  
quebram protocolos  
desfazem tradições.

Dentro dos olhares  
Paixão  
daquelas desmedidas  
sem hora nem lugar  
desnudam aparências

corrompem etiquetas.

Dentro dos abraços  
Energia  
daquelas revigorantes  
como sangue em transfusão.

Aprendi com a luz:  
ela não tem margens, limites  
nem molduras.  
Brilha aquilo que sabe brilhar  
Ilumina aquilo que necessita ser iluminado.

A luz só sabe ser  
em total escuridão  
mas só existe fora de si.



## CELA

*Por Roberto Menezes*

*As nuances do abandono  
se escondem no arco-íris  
medonho da escuridão*

Estou na sala de espera da grande milha há muito tempo. Minha ração está contaminada de gordura saturada. O concreto do chão rachado desenha árvores, que feito búfalos colidem nas paredes que me cerca. Esses galhos insistem e caminham verticais, até se perder a altura dos meus olhos entre pregos e cal. Marco o passo, risco um fósforo e aprendo a engatinhar novos vôos. Escuto os violões por trás do cárcere, eles passam e ainda escuto eles tentando desenhar a cena com a lembrança do que já foram violões. Ou eram gaitas? Ou simples gatos em suas fanfarrices noturnas?

O carvão dos fósforos escurece as pontas dos meus dedos, derrete o plástico, esvazia a caixa de cigarros que comprei e não fumei. Na verdade não fumo. Gosto do desenho do camelo, uma pirâmide e alguns coqueiros. Ou seriam palmeiras o que dá no deserto? Mesmo assim, eu acendo os fósforos que, na minha frente, vivem, avivam, ficam vivos por um tempo e apagam em um sopro. No fim, longas cabeças que não cabem mais em corpos magricelas se jogam em rotação e em queda para o chão. Quebram como os copos de cristais que nunca foram ao chão; se quebram na primeira pressão.

O chão da minha cela está preto de cabeças de fósforo que já viveram, avivaram, ficaram vivas por algum tempo, e assim num sopro largaram o corpo e mergulharam em um vôo trapezista pela linha tênue da parábola do fim. Desenham, então, no meu chão, estrelas negras, que vão aos bocadinhos cobrindo as rachaduras do piso, aquelas árvores que eu seguia e me levava lá para cima, ao aqui, ao alcance dos meus olhos.

Aqui não há espelhos. Apenas paredes. Em uma cela de quatro paredes. Sem espelhos. Ah, há também os meus dedos de carvão que me tatuam sem receio. Na minha pele deixei conselhos, que eu mesmo não leio. Prefiro a brasa do fósforo aceso do que a estática do sermão do eu mesmo de agora há pouco. Se eu sáísse daqui tomaria um banho, uma surra de gatos. Jogaria no ralo essas letras que marco em mim como fazem com o gado.

Ouçõ agora mesmo o som da viola dos gatos, vibra as paredes, mas não racha. Tocam também uma cítara, um pandeiro e derbak. Será que fazem escambo? Trocaria com eles minhas melodias por um pedaço de lua, um milheiro de sol, um saco de sal grosso, alguma

carne em algum osso. Doaria toda a bÍlis, o suco gÁstrico e o escambau por um cheiro de mar e um passeio estrada adentro. No entanto, se de bem humor esses gatos tiverem, muito que joguem, pelas frestas de minha cela, pela janela que nenhum pássaro aponta, mais um maço de cigarros com o desenho do camelo com a mesma corcova, olhando para o oeste, em pose suÍna em um pano de fundo egÍpcio – sem a esfinge, sem o Nilo, sem figurantes gordos que borram saturando todas as minhas fotografias.

*Por coincidência ou não  
A roupa que doei ao mendigo  
Coube mais nele do que em mim*

---

**Roberto Menezes** (Paraíba/Pernambuco) – Escritor. Professor de Física na UFPB. É autor dos seguintes livros: *Pirilampos Cegos* (Romance, FUNJOPE, 2007) e *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa* (Romance, F & A Gráfica, 2009). Os dois livros foram escolhidos pela Comissão Julgadora do Edital de Publicações Novos Escritos, lançado pela FUNJOPE. Faz parte do Clube do Conto de João Pessoa e o do Núcleo Literário Caixa Baixa. Edita os seguintes blogs: <http://pedranorim.com/> e <http://www.betomenezes.biz/>

## AFILOSOFIA NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS



Imagem retirada do Facebook do Filme: “Só dez por Cento é Mentira”, de Pedro Cezar.

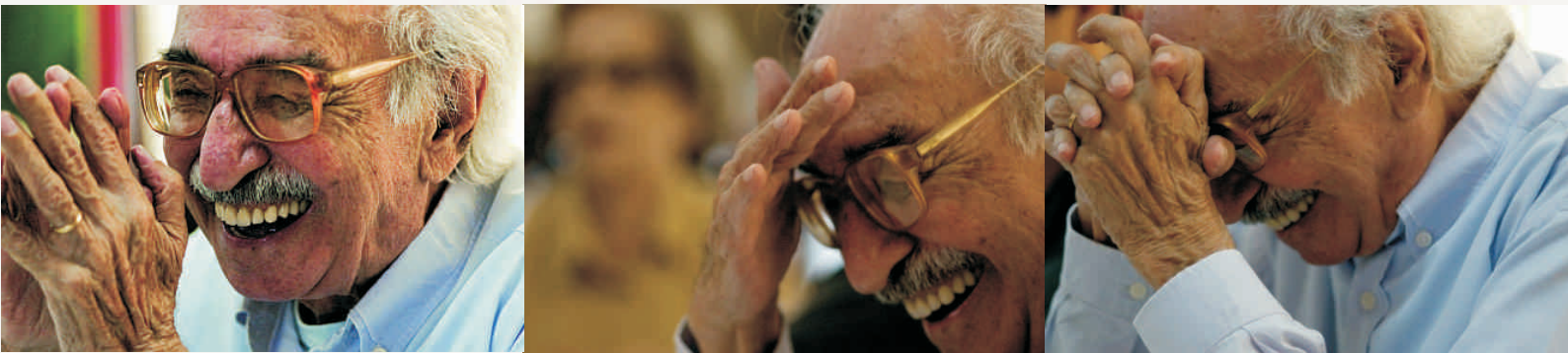
*Por Francisco Damasceno*

Abordaremos aqui a poética de Manoel de Barros, mais especificamente o poema *Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada*. É interessante notar que, a exemplo de outros poemas e até mesmo de um livro de Manoel de Barros, este poema também é um retrato. Podemos dizer que Barros faz uma poesia fenomenológica, descritiva. O poeta evoca imagens, ao mesmo tempo em que cria novas imagens, como um poeta fotógrafo ou um fotógrafo poeta. Mas este é um retrato quase apagado em que, no entanto, se pode ver perfeitamente nada. As imagens criadas ou evocadas são, portanto, imagens surreais.

O poema *Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada*, do livro *O Guardador de Águas*, encontra-se também em *Gramática Expositiva do Chão (Poesia Quase Toda)*, versão utilizada neste artigo.

Logo no início da composição do retrato do poeta, Barros escreve: “Não tenho bens de acontecimentos. O que não sei fazer desconto nas palavras. Me acho em petição de lata.” Isso nos lembra um outro Manoel, o poeta Manuel Bandeira, no poema *Auto-retrato*, quando diz:

*Poeta ruim que na arte da prosa  
envelheceu na infância da arte,  
e até mesmo escrevendo crônicas  
ficou cronista de província;  
arquiteto falhado, músico,  
falhado (engoliu um dia  
um piano, mas o teclado ficou de fora); ...  
e em matéria de profissão  
um tísico profissional  
(Bandeira, 1961, p. 227).*



Imagens retiradas do Facebook do Filme: “Só dez por Cento é Mentira”, de Pedro Cezar.

Assim como Bandeira, Barros também se compõe de palavras e vai entesourando frases: “Imagens são palavras que nos faltaram. Poesia é a ocupação da palavra pela imagem. Poesia é a ocupação da imagem pelo Ser.” Como não ouvir Heidegger nestes versos, ou quando o poeta, no *Livro sobre nada*, afirma: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira” (Barros, 2002, p. 67). Em *A origem da obra de arte*, Heidegger diz: “A verdade, como a clareira e ocultação do ente, acontece na medida em que se poetiza. Toda a arte, enquanto deixar-acontecer da adveniência da verdade do ente como tal, é na sua essência poesia” (Heidegger, s/d, p. 58). A última estrofe do poema inicia-se com um verso que nos remete diretamente para a filosofia de Deleuze e Foucault: “Eu sou o medo da lucidez.”

Nos versos de Barros, o eu-poético, o mundo, as coisas, a natureza e a linguagem aparecem destituídas de essências. “Pensar é uma pedreira. Estou sendo.” Estas frases nos remetem ao existencialismo na sua tese principal: “a existência precede a essência” (Sartre, 1987, p. 5-6). O poeta não diz sou isto ou sou assim. Ele diz estou sendo. Não há uma essência pré-estabelecida nas coisas. E a tarefa de pensar essas essências não atrai o poeta. É uma pedreira. “Assim, ao poeta faz bem desexplicar – tanto quanto escurecer acende os vagalumes.” No *Livro sobre nada*, ele nos diz: “Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção” (Barros, 2002, p. 68).

O poeta estabelece uma relação direta com as coisas (em-si): chuva, árvores, pássaros, pedras, rio, telhado, lata, água, casa, baratas, lodo, formigas, rãs, trapas. Diante da inutilidade dos entes, redescobrimos a transitoriedade e a mutabilidade do ser. Manoel de Barros é o poeta do inutensílio, das gratuidades, do nada, dos pobres-diabos, dos trolhas, dos andarilhos, dos tontos, dos bocós, das crianças, e dos bêbados. Mas é também o poeta do que todos consideramos como sórdido, sujo: formigas, rãs, lixo, trapas. A escolha que Barros faz por tudo que a sociedade capitalista despreza é uma crítica à destruição da natureza, da vida e do ser humano.



A postura do poeta diante da vida revela-nos uma inspiração libertária (ou anarquista), em que a liberdade absoluta é exercitada através da reinvenção da linguagem e das palavras. Percebemos na sua poética a influência da filosofia sartriana da liberdade, onde a consciência é o sujeito em ação e a existência do homem é vazia do ser; mas aberta às possibilidades, sem limites.

*O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.*

*Há que se dar um gosto incasto aos termos.*

*Haver com eles um relacionamento voluptuoso.*

*Talvez corrompê-los até a quimera.*

*Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.*

*Não existir mais rei nem regências.*

*Uma certa luxúria com a liberdade convém.*

Barros propõe um novo estágio às *Metamorfoses* de Ovídio: a criação de uma linguagem própria para as novas espécies, um dialeto coisal, larval, pedral, etc., que corresponderia a uma língua inaugural. Estes dialetos teriam características madrugentas, adâmicas, edênicas, inaugural. “Que os poetas aprenderiam – desde que voltassem às crianças que foram, às rãs que foram, às pedras que foram.” Mas para isso precisaríamos reaprender a errar a língua.

Através da cultura o homem se afasta desse estado de inocência, cria um sujeito que “contamina” as palavras. A volta a esse estágio inaugural é possível pela poesia. A palavra poética é que pode dar acesso ao verdadeiro ser das coisas e de tudo, pois criação e palavra praticamente se confundem. Na poética de Barros, a recriação do mundo apresenta-se como uma possibilidade estética e existencial dos homens e do poeta, em particular.

*No que o homem se torne coisal,*

*Corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.*

*Um subtexto se aloja.*

*Instala-se uma agramaticalidade quase insana,*

*Que empoeira o sentido das palavras.*

*Aflora uma linguagem de defloramentos, um*

*Inauguramento de falas*

*Coisa tão velha como andar a pé*

*Esses vareios do dizer.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961.

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p.276-278.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, s/d.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução Rita Correia Guedes. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.



# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

<http://sites.uepb.edu.br/revistablecaute> @revistablecaute

[www.revistablecaute.blogspot.com](http://www.revistablecaute.blogspot.com) [revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)

## Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto Microsoft Office Word (2003 ou superior) e se enquadrar nas seguintes categorias:

- *Poemas* (devem ser enviados entre quatro a cinco poemas, com até cinco páginas no total);
- *Conto* (poderá ser enviado um conto com até oito páginas);
- *Ensaio* (poderá ser enviados um ensaio sobre temas ligados à literatura e/ou demais artes, incluindo *cinema, música, artes visuais e artes cênicas*, com até oito páginas);
- *Dicas de Leitura* (poderão ser enviadas três dicas de leitura, com até uma página, acrescida de uma imagem da capa do livro sugerido em boa resolução).

## Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.

